Notas e reflexões sobre percursos epistemológicos nas Ciências da Comunicação

Notes and reflections on epistemological routes in the Communication Sciences

Lídia Raquel Herculano Maia[1]

Professora substituta na Graduação em Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com estágio doutoral na Florida State University (Bolsa Capes/PDSE). Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba. Membro dos grupos de pesquisa CACTO – Comunicação, Afeto, Cultura, Trabalho e Organizações (UFPB) e Infotenimento e Redes (Unipampa/RS).

Jadson Maia[2]

Doutor em Ciências Sociais e mestre em Estudos da Mídia, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem especialização em Propaganda e Marketing na Gestão de Marcas pela UFRN e é graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade & Propaganda pela Universidade Potiguar (UnP). Membro dos grupos de pesquisa Marginália (Grupos de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura) e Gemini da UFRN.

Resumo

As Ciências da Comunicação formam um campo de conhecimento relativamente novo e em constante construção. Pensar a constituição desse campo e suas raízes epistemológicas é o objetivo principal do presente texto. Para tanto, parte-se de uma discussão sobre as noções gerais e os principais aspectos envolvidos em estudos de caráter epistemológico; depois, são analisados os trabalhos de autores como Alsina (1989) e Wolf (1995), que se esforçam em traçar uma epistemologia da comunicação, com diferentes enfoques; e, por fim, apontam-se brevemente as contribuições mais recentes de alguns autores brasileiros e latino-americanos para os estudos em comunicação. Conclui-se que a sofisticação da recepção é uma questão transversal às teorias aqui perfiladas e a sua crescente coparticipação nos processos deve ser levada a cabo no itinerário contemporâneo da pesquisa.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação, epistemologia, contribuições brasileiras e latino-americanas.

Abstract

The Communication Sciences are a relatively new field of knowledge and in constant construction. The main objective of this text is thinking about the constitution of this field and its epistemological roots. To do so, it starts from a discussion about the general notions and the main aspects involved in epistemological studies; then, we analyze the works of authors such as Alsina (1989) and Wolf (1995), who attempt to outline an epistemology of communication, with different approaches; finally, the most recent contributions of some Brazilian and Latin American authors to communication studies are briefly pointed out. We conclude that a sophistication of reception is a transversal issue to the theories expounded here and its growing co-participation in the processes must be carried out in the contemporary itinerary of communication research.

Keywords: Communication Sciences, epistemology. Brazilian and Latin American contributions.

1. Notas introdutórias

O presente trabalho reflete a respeito do estatuto epistemológico da comunicação enquanto campo científico. Espera-se, com este artigo, apresentar uma epistemologia das Ciências da Comunicação que funcione não apenas como síntese histórica das teorias que cooperaram para a formação da área, mas também como fonte de reflexão a respeito do trabalho do pesquisador, especialmente

1 Professora substituta na Graduação em Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4501188561493720. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9601-4268. E-mail: lidiarhmaia@outlook.com

2 Doutor em Ciências Sociais. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0792093393169076. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0148-3975. E-mail: jadson_maia@hotmail.com

daquele que se dedica à comunicação social, de modo que, ao refletir sobre as teorias elaboradas pelos grandes teóricos da área, o leitor possa enxergar com mais acuidade as condições e possibilidades que cercam sua própria pesquisa.

Para tanto, dividimos o texto nas seguintes seções: primeiro, discutem-se o conceito de epistemologia e a diversidade de perspectivas pelas quais ela é percebida; em seguida, são apresentadas reflexões relativas aos percursos epistemológicos relacionados à constituição do campo da comunicação, destacando como a construção dessa área de conhecimento ocorreu mediante retificações constantes e esteve sempre implicada em processos que incluíam diversas dimensões (socioculturais, históricas, políticas, mercadológicas, psíquicas dos sujeitos pesquisadores, interdisciplinares etc.); por fim, discute-se a respeito do atual estágio das pesquisas em comunicação no contexto brasileiro e latino-americano.

2. Epistemologia: noções gerais e ângulos de estudo

A palavra epistemologia vem do grego e significa discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*). A epistemologia é uma disciplina que tem por objetivo, entre outras coisas, a reflexão acerca da prática dos cientistas, tomando por objeto a ciência – não como algo dado, estabelecido, mas sim como algo em processo –, da gênese à formação e estruturação progressiva do conhecimento científico (Japiassu, 1991). Reflete, assim, sobre a natureza, as etapas, as possibilidades e os limites do conhecimento humano, questões essas que envolvem as relações entre o Sujeito pesquisador e o Objeto investigado, bem como os contextos históricos e sociais pelos quais o conhecimento vai sendo construído.

Sobre isso, Japiassu (1991) complementa afirmando que os conhecimentos são atividades sociais, e não apenas construções individuais e autônomas. Desse modo, o conhecimento científico é tributário dos contextos (sociocultural, ideológico, político, econômico, religioso e outros fatores extracientíficos) nos quais se inscreve.

Esse pano de fundo, ou condições gerais nas quais o conhecimento está imbricado, não é imutável, ao contrário, modifica-se constantemente. Por isso, o mesmo possui caráter limitado, o que não necessariamente é um problema, pois "todo o trabalho de ciência suficientemente relevante para ser recordado por umas poucas gerações comporta algum exemplo de estado defeituoso da arte de raciocinar do tempo em que foi escrito" (Peirce, 1877, p. 3). Contudo, cada conhecimento adquirido tem o potencial de apresentar novas possibilidades para o aperfeiçoamento das próprias condições de aquisição do conhecimento, de forma que ele mesmo vai se retroalimentando por sucessivos erros e acertos de forma contínua.

Pensando em modos de revitalização das ciências, o filósofo Karl Popper (1975), ao discutir a respeito do 'racionalismo crítico', comenta sobre a questão da falseabilidade das teorias. Para ele, toda teoria é uma hipótese conjuntural, passível de ser refutada. Uma hipótese, por sua vez, constitui-se como um conjunto de argumentos que alcançou um determinado nível numa pesquisa. Destarte, "de um ponto de vista racional, não podemos 'confiar' em teoria alguma, pois nunca se mostrou, nem se pode mostrar, que qualquer teoria é verdadeira" (Popper, 1975, p. 32). Sobre isso, Morin (1996) acrescenta que o conhecimento só é possível na limitação e na relatividade. Desse modo, todo conhecimento adquirido consiste em modificação daquele que já estava posto. Assim é que a ciência avança: por retificações constantes e não por fixação em certezas cristalizadas (Popper, 1975).

Popper (1975) argumenta ainda que é preciso levar em conta o senso comum, pois ele é o nosso ponto de partida, de onde devemos fazer a crítica para, então, progredir. Explica também que várias teorias podem concorrer para a solução de um mesmo problema. Além disso, é imprescindível que existam aspectos contraditórios em nossas problemáticas.

> *De fato, embora exijamos que uma nova teoria resolva os problemas que sua predecessora resolveu e aqueles que ela falhou em resolver, sem dúvida sempre pode acontecer que se proponham duas ou mais teorias concorrentes novas cada uma das quais satisfaça estas exigências e, além disso, resolva alguns problemas que as outras não resolvem (Popper, 1975, p. 26).*

Thomas Kuhn (1987), por sua vez, complementa alguns dos pressupostos apresentados acima ao comentar sobre a desestabilização que ocorre quando pesquisas científicas geram descobertas inesperadas, as quais possuem uma importância não apenas factual, mas também o potencial para transformar qualitativa e quantitativamente o mundo do cientista. Tal processo não é gerado apenas por um homem, nem acontece de um dia para o outro. Por isso mesmo é que os historiadores têm dificuldade em datar com precisão a ocorrência dessas pequenas revoluções científicas, que ocorrem quando os cientistas não podem mais esquivar-se das irregularidades que subvertem a tradição existente em suas práticas. É nesse ponto que começa o que Kuhn (1987) chama de investigações extraordinárias, que finalmente conduzem o ofício a um novo conjunto de compromissos. Desse modo, "as

revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada" (Kuhn, 1987, p. 25).

As regularidades foram alvo de críticas de Popper (1975), que diz que a necessidade que o ser humano tem delas o faz experimentá-las mesmo onde não há nenhuma. Segundo o autor, tal necessidade de regularidade faz as pessoas se aferrarem dogmaticamente às suas expectativas, não se dando conta de que o erro pode ser dinamizador e suscitador de novas ideias, portanto necessário, e de que seria uma estupidez a incapacidade de mudar esquemas mentais inúteis apenas pelo temor de conhecer o novo. Assim, para que haja pensamento crítico, radical e reflexivo é preciso resistir ao que já está estabelecido, ao conformismo, às ideias preconcebidas e à doutrina. Isso não significa sair negando tudo que outros autores já disseram, mas sim buscar ir sempre um pouco além do que está posto.

Esse apego às regularidades é, de certo modo, discutido também por Morin (1996) quando fala sobre o problema da busca pela resposta que tranquiliza. Ela se constitui num problema porque nos paralisa e engana, pode nos fazer acomodar e impedir de avançar. Não obstante, é possível vivenciar a paixão do conhecimento e, ao mesmo tempo, pelo e para o conhecimento, controlar essa paixão (Morin, 1996). O autor complementa dizendo que o conhecimento humano está diretamente relacionado à nossa existência, mas também não deveria acorrentar-se a ela. Precisamos romper com os obstáculos epistemológicos que se inscrevem no âmbito do Sujeito pesquisador. Nossos conflitos e estado psíquico interferem na produção de conhecimento que elaboramos, bem como nossas paixões cognitivas e a necessidade de certeza (crenças) e regularidade.

Assim, podemos e é desejável que tenhamos afetividade pelos Objetos que pesquisamos, mas devemos nos autoexaminar sempre para nos certificar de que estamos efetivamente em busca da verdade bem mais do que em busca do prazer que há nas respostas aliviantes. Até porque, como enfatiza Morin (1996), a verdadeira investigação geralmente encontra uma coisa diferente da que procurava. E se nos ativermos a paixões cognitivas – que poderiam ser exemplificadas por autores, conceitos, teorias, correntes de pensamento etc. –, poderemos ficar paralisados e impossibilitados de produzir o novo, de romper com o estabelecido e, assim, não iríamos contribuir para o avanço do conhecimento.

As considerações desses autores (Popper, Kuhn e Morin) nos conduziram à reflexão a respeito de quão equivocada é nossa busca por estar unicamente certos, por apresentar a resposta que cremos ser a correta, porque fazendo isso estamos constantemente pensando a produção de conhecimento como sendo um processo linear, quando não é. Buscamos sempre evitar os erros e percalços advindos do processo de investigação científica, como se tal processo pudesse ocorrer de modo isento de problemas, recomeços, equívocos, momentos de desestabilização, rupturas etc.

Por isso, encaramos como reconfortantes as ideias de Morin (1996), que aponta o conhecimento como uma navegação não-regulada entre a ordem e desordem, certeza e incerteza. Assim, é preciso navegar com mais abertura no processo de produção de conhecimento, sabendo que erros, contradições, desordens, avanços irregulares e incertezas de todo tipo são partes do andamento da pesquisa. Isso não é diferente no campo da comunicação, conforme veremos a seguir.

3. Constituição epistemológica do campo da comunicação

"[...] a epistemologia não pode deixar de interessar-se pela história das ciências"
(Japiassu, 1991).

Foi esse interesse pela história da ciência da comunicação, ou melhor, pela epistemologia da comunicação que impulsionou os trabalhos dos autores Alsina (1989) e Wolf (1995). Alsina (1989) realiza uma espécie de classificação histórica dos modelos que deram origem à constituição da comunicação enquanto campo de pesquisa. O autor explica que a Ciência da Comunicação nasce da interdisciplinaridade; por isso, ela compartilha teorias e objetos de outras ciências, o que se constitui num problema que gera muitas discussões na área. Como resultado disso, o campo apresenta vários modelos para as Teorias da comunicação. Dentre eles, Alsina apresenta seis que teriam grande incidência nos estudos da comunicação: o Modelo de Lasswell (1948), relacionado à ciência política; o Modelo de Shannon (1949), que se caracteriza pela teoria matemática da comunicação; o Modelo de Schramm (1971), de cunho sociológico; o Modelo de Jakobson (1960), centrado na linguística; o Modelo de Maletzke (1963), relacionado à psicologia; e o Modelo sociossemiótico, que reflete sobre a produção, circulação e consumo como sendo elementos fundamentais do processo comunicativo.

Como se vê, cada um dos cinco primeiros modelos parte de disciplinas distintas. O primeiro modelo apresenta percepções centradas na ideia de que os meios de comunicação de massa teriam uma grande influência sobre a sociedade e respondiam às necessidades industriais de orientação para o consumo, com foco nos efeitos das mensagens sobre o público. Essa ideia de influência dos meios sobre o receptor advinha do contexto da

Segunda Guerra Mundial, e seu âmbito de estudo estava relacionado à propaganda política, que utilizava os meios de comunicação para criar um clima de opinião favorável aos governos que exerciam o poder naquele período. Sua contribuição fora lançar perguntas úteis para a descrição do ato comunicativo: quem, disse o quê, em que canal, a quem e com que efeitos?

Já o Modelo de Shannon (1949) se inscreve no contexto histórico-científico da cibernética e é baseado na Teoria matemática da comunicação. A finalidade operativa principal da teoria era fazer passar através do canal a máxima informação com as mínimas diferenças e a máxima economia de tempo e energia. Seu foco centrava-se na eficácia da transmissão da mensagem. Dessa forma, mostrava entender o processo comunicativo como transmissão de informação.

Depois, Alsina (1989) apresenta o Modelo de Schramm (1971) como estando relacionado à consolidação da Mass Communication Research e sendo a preocupação pelos efeitos seu âmbito de estudo. Tal modelo buscava observar quais variáveis poderiam intervir no processo de comunicação e possuía caráter funcionalista e empirista. Tal caráter se adequava aos interesses das empresas de comunicação e ao sistema político.

Um outro modelo pouco estudado atualmente no campo da pesquisa em comunicação, mas muito relevante para a construção de textos publicitários e jornalísticos, é o Modelo de Jakobson (1960). A partir do estudo linguístico da comunicação, o modelo elencou as seguintes funções que estariam presentes no ato comunicativo: função emotiva, conativa, poética, fática, metalinguística, interpessoal e textual. A vantagem desse modelo foi ter apontado que a mensagem não é apenas transmissão de informação.

Ainda relacionado à influência da Mass Communication Research, Alsina (1989) nos apresenta o Modelo de Maletzke (1963), baseado no estudo psicológico da comunicação e também voltado para a área da publicidade e seus efeitos sobre o público. Por fim, Alsina (1989) descreve o Modelo da sociossemiótica. Esse modelo aponta a semiótica como conhecimento importante para o estudo da comunicação e explica que o processo de comunicação de massa passa por três fases: produção, circulação e consumo. Sua contribuição está em reposicionar o lugar da recepção no processo comunicativo: ela passa a ser entendida não como espaço de assunção passiva, mas sim de negociação e interpretação de sentidos. Esses sentidos, por sua vez, podem ser postos em circulação e re-transformados na medida em que são apropriados socialmente.

É a partir da reflexão sobre o papel da recepção no processo comunicativo que Wolf (1995) formula em seu livro *Teorias da Comunicação* a apresentação dos paradigmas da comunicação. Tal construção mostra como o receptor se deslocou do lugar de massa amorfa e passiva para um lugar de sujeito ativo e participativo no ato de construção das mensagens que circulam em sociedade. Essa atitude do autor, de não apenas contar a história passada da pesquisa em comunicação, mas colocá-la em perspectiva, leva em conta o estágio atual do campo e se mostra relevante porque, como explica Japiassu (1991, p. 33),

> *A diferença entre o historiador das ciências e o epistemólogo consiste em que o primeiro toma as ideias como fatos, ao passo que o segundo toma os fatos como ideias, inserindo-os num contexto de pensamentos. Em outras palavras, o primeiro procede das origens para o presente, de sorte que a ciência atual já está sempre anunciada no passado, ao passo que o segundo procede do presente para o passado, de sorte que somente uma parte daquilo que ontem era considerado como ciência pode hoje ser fundado e justificado cientificamente.*

Desse modo, Wolf (1995) parte da explanação da Teoria Hipodérmica, também conhecida como Teoria dos Efeitos, explicando como, na perspectiva dessa teoria, o público era entendido como massa passível de ser atingida diretamente pela mensagem. Tal teoria corresponde ao Modelo de Lasswell, explicado por Alsina (1989), que, conforme exposto anteriormente, buscava entender quais efeitos os meios de comunicação teriam sobre a audiência, com a finalidade de aplicar os conhecimentos advindos dessas investigações na área da propaganda. Além de Lasswell, outro expoente dessa corrente de pesquisas foi Lazarsfeld, diretor do 'Princeton Radio Research Project', local onde Theodor Adorno também trabalhou no final da década de 30. Esse último pensava a questão dos efeitos da manipulação do público pelos meios de massa a partir de um viés crítico, formando, assim, a Teoria Crítica com forte influência do materialismo marxista (Wolf, 1995).

No livro *Palavras e sinais: modelos críticos 2* (1995), o filósofo alemão Theodor Adorno relata um pouco de suas experiências científicas nos Estados Unidos, de como essas experiências estiveram marcadas por obstáculos, dúvidas e conflitos. Tais relatos são muito relevantes para pensarmos o papel do Sujeito na constituição dos Objetos que o mesmo pesquisa e para pensarmos também na questão dos obstáculos epistemológicos que se interpõem no fazer científico.

Adorno vinha de uma tradição de pesquisa crítica europeia e se deparou com o modelo empirista e funcionalista da pesquisa norte-americana. No Instituto de Pesquisas Sociais (baseado em Frankfurt), o pesquisador realizava investigações, com viés de crítica social, com relação aos

meios de comunicação de massa. Até que, em fevereiro de 1938, mudou-se para os Estados Unidos para trabalhar no 'Princeton Radio Research Project', onde teria que realizar pesquisas de cunho produtivista, pesquisas que apresentassem informações utilizáveis para a manutenção daquele segmento do mercado da comunicação.

Não foram poucos os conflitos vivenciados pelo pesquisador em tal situação. As novas tarefas que lhe eram atribuídas, de mensuração de dados quantitativos referentes aos gostos da audiência, chocavam-se diretamente contra as convicções epistemológicas do homem já modelado pelas reflexões críticas que vinha desenvolvendo no âmbito da Escola de Frankfurt[3]. As problemáticas que ele julgava pertinentes para a investigação da comunicação – as quais incluíam a análise crítica das transformações artísticas em bens de consumo, a questão da pseudoindividualização e a coisificação da consciência, por exemplo, que seriam consequências socioculturais da chamada Indústria Cultural – nada tinham que ver com a investigação administrativa repleta de formulários e cálculos aplicados no 'Princeton Radio Research Project'. Isso foi motivo de grande assombro para o autor, que pela primeira vez se deparou com esse tipo de pesquisa diretamente orientada para resultados práticos.

Os hábitos mentais positivistas da ciência norte-americana chocavam-se com o espírito crítico de Adorno, que duvidava da eficácia dos questionários e tabelas para a explicação de fenômenos que ele julgava por demais complexos para serem entendidos com perguntas triviais. Eram tantas dúvidas que o autor relata que precisou se saturar de observações sobre a vida musical norte-americana, já que realizava pesquisas relacionadas ao âmbito radiofônico. Mesmo assim, confessa que não foi capaz de confeccionar questionários e esquemas para entrevistas em relação aos pontos nevrálgicos.

Assim, Adorno (1995) se mostrava rodeado de dúvidas e, ao mesmo tempo, de certezas. As primeiras o impulsionavam a buscar mais e mais informações a respeito do contexto sociocultural e acadêmico no qual seu novo trabalho estava inserido. E as segundas lhe asseguravam algum conforto no turbilhão das bruscas mudanças epistemológicas que lhe eram apresentadas naquele momento.

Além disso, o autor esclarece ainda que não se sentia impelido à crítica a todo custo simplesmente por mera discordância; bem mais que isso, era um problema conceitual fundamental que o afligia, e a raiz dele podia ser percebida pela diferença de significado atribuído à palavra método nos contextos europeu e americano: em seu sentido europeu, refere-se à crítica do conhecimento, enquanto que, no norte americano, "'methodology' significa, mais ou menos, técnicas ou práticas de investigação" (Adorno, 1995, p. 143). Tal afirmação conduz à reflexão sobre como pensamos a questão metodológica de nossas pesquisas, se apenas como um conjunto de técnicas ou como um percurso crítico e reflexivo que perpassa toda a construção da investigação que empreendemos. Certamente a segunda opção se mostra mais profícua para o fazer científico.

Além da Teoria Hipodérmica – que tinha Lasswell e Lazarsfeld como autores principais – e da Teoria Crítica – liderada por Adorno, Horkheimer e Marcuse – Wolf (1995) apresenta ainda outras três teorias importantes na constituição do campo de pesquisas em comunicação: a Abordagem Empírico-Experimental ou da Persuasão, a Teoria dos Efeitos Limitados e a Teoria Funcionalista.

A primeira delas representa um avanço com relação à perspectiva hipodérmica, visto que defende a ideia de que os efeitos não afetam de modo uniforme a audiência, mas variam de acordo com diversos fatores. Esses fatores podem ser referentes aos limites impostos pelo público ou à mensagem transmitida. Por exemplo: o público pode ou não ter interesse em obter a informação enviada pelos meios de massa, a exposição às mensagens está sujeita à seleção feita pelo público de acordo com os seus interesses e atitudes já existentes, a ordem de apresentação dos argumentos pode interferir na eficácia da mensagem, temas mais próximos do indivíduo são memorizados por mais tempo etc. Esses e outros fatores seriam variáveis de indivíduo para indivíduo de acordo com peculiaridades específicas. Assim, a Abordagem empírico-experimental ou da Persuasão supera a ideia anterior da Teoria Hipodérmica, que acreditava num processo uniforme de operação dos efeitos sobre a audiência.

A Teoria dos Efeitos Limitados, por sua vez, insere os meios de comunicação num contexto mais amplo, no qual as características do sistema social onde estão inseridos interfere na eficácia da influência que poderiam exercer sobre o indivíduo. Essa Teoria possui duas correntes bem distintas: uma de estudo da composição dos diferentes públicos e seus modelos de consumo dos meios de massa

3 A Escola de Frankfurt teve sua origem no ano de 1924, com sede no Instituto para Pesquisas Sociais, e concentrou filósofos e cientistas sociais da filosofia alemã que se reuniam no intuito de discutir questões relacionadas principalmente ao 'materialismo marxista' e à 'influência dos meios de comunicação de massa'. As abordagens das pesquisas que realizavam estavam em torno do que eles denominaram de 'indústria cultural' e 'cultura de massa'. Além de Theodor Adorno integravam a Escola de Frankfurt: Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Erich Fromm, Jürgen Habermas, entre outros. Quando se depararam com as mutações visíveis na Europa moderna, como a Primeira Guerra Mundial, os pensadores de Frankfurt (alguns deles judeus) participaram de movimentos de crítica social e subversão, o que os obrigou a deixar a Alemanha. Adorno e Herbert Marcuse foram para os Estados Unidos, fixaram-se em Nova York e desenvolveram seus trabalhos na Universidade de Columbia.

e outra a respeito da mediação social que realiza esse consumo. Um dos mais importantes autores nesse ramo de pesquisa foi Lazarsfeld, que comandou, por exemplo, uma pesquisa, com a qual Adorno também estava envolvido, para a Fundação Rockefeller sobre o papel do rádio e a constituição de seus diversos públicos, com a finalidade de entender por que a audiência ouve certos programas e não outros. Outra questão importante é que essa teoria traz como legado a reflexão sobre o papel dos líderes de opinião para a formação da opinião pública e conclui, desse modo, que os contatos pessoais, em alguns casos, podem ser mais eficazes do que os *mass media*.

Por fim, Wolf (1995) apresenta a Teoria Funcionalista, que reflete a respeito das funções e disfunções dos meios de comunicação na sociedade. Seu grande legado se refere à mudança de pergunta: em vez de questionar *o que os meios fazem às pessoas?*, o questionamento passa a ser: *o que as pessoas fazem com os meios?* Tal mudança se dá a partir da ideia de que os meios são eficazes se e na medida em que o receptor lhes atribui tal eficácia. Desse modo, constrói-se o entendimento de que emissor e receptor são parceiros ativos na comunicação.

Foi seguindo esse caminho, da pesquisa com abordagem hipodérmica à pesquisa com ênfase nos usos e apropriações que os sujeitos fazem dos conteúdos dos meios de massa, que Wolf (1995) apresenta em seu livro o desenvolvimento do campo das Ciências da Comunicação. Já o escritor, ensaísta, filósofo e linguista italiano Umberto Eco (1979), professor e conterrâneo de Wolf, faz tal caminho tomando como base a divisão dos pesquisadores em comunicação a partir de dois conceitos: apocalípticos e integrados. O autor reconhece que essa divisão tão simplista é injusta, mas justifica que a escolheu por uma questão de método.

No livro *Apocalípticos e integrados*, o autor faz um movimento de constante vaivém entre as perspectivas otimistas e pessimistas quanto à presença dos meios de comunicação de massa, à cultura de massa e à indústria cultural na sociedade. Por vezes, parece se posicionar do lado dos integrados, mas busca sempre um equilíbrio em suas observações, criticando a ingenuidade desses e a falta de posicionamento crítico que apresentam. Não obstante, fica bem perceptível que suas maiores críticas se dirigem aos apocalípticos, por apresentarem apenas problemas relacionados à cultura de massa, sem perceber os aspectos positivos dessa cultura e dos meios de comunicação que a propagam e sem propor nenhuma sugestão para os problemas que apontam. Nesse mesmo viés, Martín-Barbero (1980) também critica, não Adorno em particular, mas os cientistas que apenas encontram argumentos para criticar o sistema e não apontam ferramentas para transformá-lo. Eco (1979, p. 19) complementa a crítica destacando que "o apocalíptico faz aquilo que acusa os receptores dos produtos de massa de fazer: reduz a fetiche os objetos que observa, retira deles a sua complexidade, nega-os em bloco". Esses "conceitos-fetiche" acabam sendo usados para tudo, em diversas pesquisas, sem uma reflexão aprofundada sobre o que de fato querem dizer. Esses conceitos bloqueiam o discurso, limitam o pensamento, são tidos como dados, prontos para uso. O conceito de "cultura de massa", por exemplo, seria um desses: genérico e ambíguo. Outro exemplo seria o de indústria cultural, que vem para sugerir que não há nada mais reprovável que o emparelhamento da ideia de cultura (contato sutil de almas) com a ideia de indústria (evocando linhas de montagem, reprodução em série, objetos tomados como mercadoria).

Contudo, "a indústria cultural, como veremos, aparece com Gutemberg e a invenção da imprensa de tipos móveis" (Eco, 1979, p. 11). Nesse sentido, Eco comenta que a passagem do manuscrito para o livro escrito (superior em tiragem e circulação) resultou numa expansão do público letrado que, por sua vez, passara a condicionar a produção dos livros, que, como todos os produtos da indústria cultural, deve se adequar à demanda e às capacidades receptivas da média. Dessa maneira, os primeiros impressos populares já traziam uma característica dos produtos de massa: a efemeridade. Mas, ao mesmo tempo, contribuíam para a alfabetização do seu público – assim como os demais produtos da cultura de massa que atuam no sentido de democratizar o acesso à cultura.

Não obstante, os integrados também precisariam ponderar que o fato de as massas terem capacidade crítica em relação aos produtos que lhes são oferecidos não anula a intencionalidade presente nas mensagens produzidas pelos operadores culturais, que devem ser objeto de crítica sempre que produzam para as massas usando-as com fins de lucro, sem se preocupar em lhes oferecer reais ocasiões de experiência crítica. Assim, tanto apocalípticos quanto integrados reduzem seus próprios sujeitos ao conceito-fetiche "massa", não indo além, portanto, nas possibilidades reflexivas que o assunto enseja.

São pertinentes as críticas de Eco (1979) às duas linhagens de pesquisa. No entanto, considero relevante também pensar a colocação de Japiassu (1991, p. 31) quando se pergunta: "em que medida podemos descrever uma história das ciências sem interpretar os conhecimentos passados através dos conhecimentos presentes?". Assim, é importante levar em conta o contexto em que tais pesquisas foram empreendidas: contexto de guerra, de desenvolvimento da propaganda política e de bens de consumo industrializados, de meios de comunicação de massa em forte ascensão etc.

4. Mediação e midiatização: contribuições brasileiras e latino-americanas para uma epistemologia da comunicação

Dentre as contribuições latino-americanas mais importantes para uma epistemologia da comunicação, com viés histórico, podemos citar os trabalhos de Armand e Michèle Mattelart (2004). O interessante no trabalho deles é que não apenas refletem sobre o contexto em que as teorias da comunicação foram elaboradas, mas também se colocam e expõem o contexto particular pelo qual puderam realizar tal reflexão. Comentam sobre a estrutura social e política da França no período em que escreviam o livro *Pensar as mídias* e sobre como a trajetória deles pelo Chile interferiu no resultado do que escreveram. Eles relatam que, ao repensar "a genealogia da comunicação, foi também a história de um itinerário pessoal que esboçávamos" (Mattelart & Mattelart, 2004, p. 18).

Nesse sentido, as formulações apresentadas por eles nos fazem refletir sobre como as vivências singulares de cada um são capazes de operar determinada produção de conhecimento. Além disso, recuperam a necessidade de pensar o contexto em que nosso Objeto está inserido. Nos primórdios dos estudos em Comunicação na América Latina, a carência de olhares para nosso contexto específico conduziu à tradição de transpor e incorporar métodos e questões alheias às nossas problemáticas (Berger, 2011). Assim, as investigações dos processos comunicativos seguiam tradicionalmente orientações conceituais e metodológicas advindas da Europa e dos Estados Unidos. O resultado disso é que os estudos nesse campo acabavam por seguir, respectivamente, uma linhagem histórica, filosófica e especulativa ou positivista, sistemática, empirista e funcionalista. Além de apontar aí as nuances de fetichismo do conceito (Gusmão, 2012), em que o estudo da realidade fica comprometido pelo apego excessivo às correntes teóricas adotadas na pesquisa, importa mencionar também que a teoria é um dos âmbitos geradores de dependência, ou seja, quando apenas aplicamos e consumimos a produção científica realizada por outros, estamos também nos tornando dependentes deles, não somente daquilo que produzem, mas também do próprio modo como efetuam essa produção (Martín-Barbero, 1980).

Buscando uma ruptura com o funcionalismo tomado de empréstimo da tradição norte-americana, Martín-Barbero (1997, p. 27) buscou entender o "modo que as pessoas produzem o sentido de sua vida e como se comunicam e usam os meios", chegando, assim, ao estudo das mediações culturais. Segue o relato de seu encontro com essa temática de estudo das mediações sociais:

> *Vinha eu da filosofia e, pelos caminhos da linguagem, me deparei com a aventura da comunicação. E da heideggeriana morada do ser fui parar com meus ossos na choça-favela dos homens, feita de pau-a-pique mas com transmissores de rádio e antenas de televisão. Desde então trabalho aqui, no campo da mediação de massa, de seus dispositivos de produção e seus rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos e suas encenações espetaculares, seus códigos de montagem, de percepção e reconhecimento (Martín-Barbero, 1997, p. 15).*

Percebendo que, nas relações entre sociedade e proposições midiáticas, tinham fundamental importância as mediações proporcionadas pela inserção cultural do receptor, Martín-Barbero entendeu que este não recebia as mensagens de forma acrítica, antes fazia apropriações de acordo com seu "lugar" na estrutura social em que estava inserido. Com a ideia de mediação, estava posto o entendimento de que a recepção existe. Não apenas como massa amorfa, tábula rasa, mas sim como sujeito ativo, que, inserido em diversos campos sociais, teria condições de se apropriar das mensagens midiáticas conforme seu lugar no mundo. Desse modo, novos estudos e percepções foram evoluindo a partir da ideia de que a recepção "faz tantas coisas outras, distintas daquelas que são estimadas pelos produtores" (Fausto Neto, 2010, p. 6).

Dentre esses estudos, podemos destacar aqueles realizados pelo pesquisador argentino Eliseo Verón, que, a partir de análise semiótica dos processos comunicacionais, produziu importantes esquematizações para a compreensão do fenômeno da midiatização social, que, segundo ele, constitui-se como um amplo processo no qual mídias, instituições sociais e atores individuais se relacionam mutuamente, tensionando a forma como os discursos e produtos simbólicos circulam em sociedade e provocando transformações em diversos aspectos sociais e culturais. O também argentino Mario Carlón (2013), por sua vez, tem contribuído para os estudos com ênfase na midiatização a partir da análise da produção e circulação de produtos audiovisuais em plataformas como o YouTube.

No cenário brasileiro, destacam-se as contribuições de Muniz Sodré, que entende a midiatização como geradora de um quarto âmbito existencial, o bios midiático, e dos pesquisadores da linha de pesquisa em Midiatização e Processos Sociais da Unisinos – dentre eles, pode-se mencionar a perspectiva socioconstrutivista de José Luiz Braga (2006), cuja ênfase reside nas práticas de comunicação cotidianas e não institucionalizadas, tão caracterizadoras da realidade brasileira, que é mais ancorada na informalidade e em processos tentativos do que na regra e no rigor das instituições.

5. À guisa de conclusão

A partir da retomada histórica e analítica das teorias da comunicação, é possível perceber como o desenvolvimento científico desse campo é especialmente marcado pela interdisciplinaridade, mas também é permeado pelo contexto social onde se insere, pelas subjetividades daqueles que o constroem e pela retificação constante das teorias em função das transformações na realidade. Revisitar o cenário, as limitações e as particularidades que envolvem a produção de conhecimento em determinada área pode ser muito profícuo para que o pesquisador possa elaborar pesquisas mais prudentes – permanentemente atento aos seus eventuais limites, contexto e estrutura.

Com efeito, as teorias aqui perfiladas trazem como uma questão transversal a sofisticação da recepção. A sua possibilidade de participação sem precedente deve, portanto, ser devidamente compreendida no ínterim contemporâneo das pesquisas, no intuito de evitar equívocos e maniqueísmos de toda ordem, especialmente quando as redes sociais digitais da internet galvanizam cada vez mais novas configurações na cultura e na política, ao mesmo tempo que desafiam certos padrões de análise.

Referências

ADORNO, Theodor. 1995. Experiências científicas nos Estados Unidos. *In:* Theodor ADORNO, *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis/RJ, Vozes, p. 137-178.

ALSINA, M.R. 1989. *Los modelos de la comunicación*. Madrid, Tecnos.

BERGER, Christa. 2011. A pesquisa em comunicação na América Latina. *In:* Antônio HOHLFELDT, Luiz C. MARTINO, Vera Veiga FRANÇA, *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 11ª ed. Petrópolis, Vozes, p. 241-277.

BRAGA, José Luiz. 2006. Midiatização como processo interacional de referência. Versão revista de artigo apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade, do XV Anais do Encontro Anual Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, São Paulo, em julho de 2006.

CARLÓN, Mario. 2013. Contrato de fundação, poder e midiatização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. *Revista Matrizes*, São Paulo, **7**(1):107-126, jan./jun.

ECO, Umberto. 1979. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva.

FAUSTO NETO, Antônio. 2010. A circulação além das bordas. *In: Mediatizaciόm, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina*. Rosário, UNR, p. 2-17.

GUSMÃO, Luís de. 2012. *O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social*. Rio de Janeiro, Topbooks.

JAKOBSON, R. 1960. Linguistics and Poetics. *In:* A.S. THOMAS (ed.), *Style in Language*. Cambridge, MA, The MIT Press, p. 350-377.

JAPIASSU, Hilton. 1991. *Introdução ao pensamento epistemológico.* 6ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 21-158.

KUHN, Thomas. 1987. *Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.

LASSWELL, Harold D. 1948. The Structure and Function of Communication in Society. *The Communication of Ideas*, **37**(1):136-139.

MALETZKE, Gerhard. 1963. *Psychology of Mass Communication*. Hamburg, Hans Bredow Institut.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. 1980. Retos a la investigación de comunicación en América Latina. *Comunicación y Cultura*, 109:1-17.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. 1997. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro, UFRJ.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. 2004. *Pensar as mídias.* São Paulo, Edições Loyola.

MORIN, Edgar. 1996. *O Método 3 – O conhecimento do conhecimento*. Mem-Martins, Portugal, Europa América.

PEIRCE, Charles Sanders. 1877. A fixação da crença. *Popular Science Monthly*. Disponível em: www.lososofia.net. Acessado em: 15.04.2011.

POPPER, Karl R. 1975. *Conhecimento objetivo*. São Paulo, EDUSP.

SHANNON, Claude Elwood. 1949. The Mathematical Theory of Communication, by CE Shannon (and Recent Contributions to the Mathematical Theory of Communication), by W. Weaver. Champaign, IL, University of Illinois Press.

SCHRAMM, Wilbur. 1971. *The Process and Effects of Mass Communication*. Champaign, Illinois, University of Illinois Press.

SODRÉ, Muniz. 2002. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Vozes.

WOLF, Mauro. 1995. *Teorias da Comunicação.* Lisboa, Presença.

Artigo submetido em 14-03-2020
Aceito em 21-08-2021